

PARA FRANCISCO, PARA MIM, PARA VOCÊ E PARA TODOS NÓS: O SHOW DA VIDA DE CRISTIANA GUERRA

Maria Iêda SILVA (PPGL/UERN)
Romine Mariele Viana SILVA (UERN)

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo observar as fronteiras entre o diário íntimo, que deu origem aos blogs, fenômeno virtual de sucesso na internet e o seu novo formato denominado éxtimo, pela pesquisadora Paula Sibilia. Pretende-se aqui, analisar as mudanças de paradigmas entre privacidade e exposição, entre anonimato e visibilidade, as fronteiras entre o público e o privado, e para isso, tem como objeto de estudo o blog www.parafrancisco.blogspot.com escrito pela publicitária Cristiana Guerra.

PALAVRAS CHAVES: Eu. Blog. Diários. Privacidade. Visibilidade. Público. Privado

INTRODUÇÃO

Inicialmente baseado na ideia do diário íntimo no papel, o blog surgiu concomitantemente ao aparecimento das novas tecnologias e da Web 2.0. Assim surgiu a transição do diário não só do papel para a tela, como também da esfera íntima para a pública.

O surgimento dos diários online, os blogs, data de 1999, quando alguns sites incentivaram seus usuários a produzir conteúdos e hospedar informações. De fácil confecção, atualização rápida, e a possibilidade de disponibilizar qualquer tipo de conteúdo, a blogosfera quase não encontrou obstáculos iniciais que impedissem o seu crescimento. A partir de então, a prática ganhou adeptos em todo o mundo, sendo o www.blogger.com, com milhões de usuários cadastrados, o expoente pioneiro do movimento Weblog.

Com o advento do Blogger, foi dada a toda e qualquer pessoa a possibilidade de criação da sua página na internet. Semelhante a um diário convencional (de papel), cada página do blog é equivalente a uma folha escrita, onde data e hora também são registradas, fazendo do diário íntimo um meio de propagação do eu. É o show da vida, que fica exposta a apenas um clique, bastando apenas acessar a página para entrar no mundo composto por textos, fotos, vídeos e histórias escritas pelo outro.

O falar de si mesmo não é uma prática exclusiva de escritores famosos, ela pode também ser exercida por anônimos que descobriram sua individualidade e querem expô-la de forma subjetiva; os blogs tornaram possíveis a esses anônimos o meio de fazê-lo.

Essa transição do diário do papel para a tela, teve origem não só ligada ao surgimento dos blogs, mas também à história da Internet, bem como à transição histórica da vida humana, pública e privada; e como isso se tornou paradoxal atualmente: o que antes deveria ser secreto, abre-se ao público.

As postagens ou “posts” são equivalentes a cada página de um diário, e cabe ao dono do diário organizar a inserção desse conteúdo, ficando a cargo do autor a promoção do indivíduo, ou de uma causa. É possível ainda que os freqüentadores do blog deixem seus comentários sobre as postagens, possibilitando assim a interação mútua entre autor e leitor.

O que “era pra ser apenas uma brincadeira de adolescentes. Era pra ser só um desabafo, uma série de comentários desconexos sobre qualquer banalidade do dia-a-dia ou, quem sabe, até mesmo sugestões para mudar o mundo”, acaba por ser um dos maiores fenômenos entre os brasileiros e outros seguidores espalhados pelo mundo afora. (BORGES, André, 2007, p. 41).

Através dessa interação sugere-se a construção de relações sociais ou comunidades virtuais, fazendo com que a blogosfera ganhe proporções inimagináveis. Estima-se que a cada dois segundos surgem três novos blogs em todo mundo, o que dá uma média de 100 mil blogs criados diariamente, sugerindo que muitos são os adeptos do diário virtual.

Os primeiros blogs apareceram quando o milênio agonizava; quatro anos depois existiam três milhões em todo o mundo, e em meados de 2005 já eram onze milhões. Atualmente, a blogosfera acolhe cerca de cem milhões de diários, mais do que o dobro dos hospedados um ano atrás, de acordo com os cadastros do banco de dados da Technorati. Essa quantidade tende a dobrar a cada seis meses, pois todos os dias são engendrados cerca de cem mil novos rebentos, portanto o mundo vê nascer três novos blogs a cada dois segundos. (SIBILIA, Paula, 2008, p. 13).

1. O BLOG COMO DIÁRIO “ÉXTIMO”

A pesquisadora e escritora Paula Sibilia, em sua obra *O Show da Vida*, denomina esses diários íntimos de “éxtimos” já que os mesmos são expostos e é de vontade própria do autor que sejam vistos, ao contrário do que ocorrera outrora, quando os diários eram guardados, se possível a sete chaves, junto com os maiores segredos do seu proprietário. Nos diários “éxtimos” o indivíduo deseja ser visto e promovido. Ele deseja ser conhecido e reconhecido através dos seus relatos. Vale salientar que apesar da gama variada de assuntos a serem tratados na blogosfera, na maior parte das vezes, apenas a opinião de quem escreve é refletida:

É enorme a variedade de estilos e assuntos tratados nos blogs hoje em dia, embora sejam maioria os que seguem o estilo “confessional” do diário íntimo. Ou melhor: do diário éxtimo, de acordo com um trocadilho que procura dar conta dos paradoxos dessa novidade, que consiste em expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede. (SIBILIA, Paula, 2008, p. 13).

Para Sibilia, o advento dos blogs como diários íntimos, colocam em discussão o que é público e o que é privado, transformando assim tudo que se entendia por intimidade até então, e esses são sintomas que caracterizam uma nova época, que é reflexo de uma sociedade que tem acesso às mais variadas fontes de informação e com crescente espírito crítico, onde é possível a interação direta entre o produtor da informação e seu público, sendo o segundo também gerador de conteúdo.

Essa sociedade é também a mesma na qual as fronteiras entre o público e o privado se encontram separadas por uma linha tênue. Dentro deste contexto, encaixa-se o blog, que como forma de rede social, permite a todos (ou quase todos)

terem acesso a um espaço na Internet para expor seus pensamentos, ideias, opiniões e o que mais lhe for conveniente.

De acordo com Schittine (2004), o novo diário íntimo gera um relacionamento de via dupla entre o autor disposto a expor sua intimidade e um público desconhecido que se propõe a lê-lo e a comentá-lo. “O público se vê curioso por vasculhar a vida do outro, sem que esse outro seja necessariamente alguém famoso. É o sucesso dos anônimos” (SCHITTINE, 2004, p. 16). Para Sibilia, um novo tipo de sociedade tem usado essas ferramentas para responder às demandas que surgem num universo que se distancia a cada dia da cultura oitocentista que nos incitava a escrever diários verdadeiramente íntimos.

Nesse sentido, devemos compreender o fenômeno para além do problema do excesso ou para além do mero narcisismo. Trata-se de uma nova forma de religiosidade social trazida à tona pelas tecnologias digitais. Assim, ver o outro e ser visto, trocar mensagens e entrar em fóruns de discussão é, de alguma forma, buscar o sentimento de re-ligação. A cibercultura instaura novas formas de exercício dessa religiosidade ambiente. Busca-se assim, fazer da vida uma obra de arte, a arte da vida, como forma de apropriação e de liberalização do pólo da emissão. As práticas comunicacionais pessoais atuais da cibercultura mostram a pregnância social para além da assepsia ou a simples robotização. Lemos, André; Cunha, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, PortoAlegre, 2003;

Aqui, tomamos como exemplo a publicitária Cristiana Guerra, que expõe a sua vida em três blogs simultaneamente, sendo o *Para Francisco* o de maior repercussão na internet, tendo suas postagens transformadas em livro posteriormente.

1.ESCREVER PARA SER VISTO, PARA SER LIDO. ESCREVER PARA FRANCISCO.

“Um homem tem morte súbita, dois meses antes do nascimento do seu único filho. Assim nasce este blog. Tentando entender e explicar dois sentimentos

opostos e simultâneos vividos pela viúva e mãe que, no caso, sou eu. Muitos questionamentos. Muitos raciocínios. Muito aprendizado. E uma pressa em falar para o Francisco sobre seu pai, sobre o mundo e sobre mim mesma (só por garantia)". (Cristiana Guerra)

Essa é a síntese que a própria Cristiana faz da história que deu origem ao blog. Em 2007, seis meses após a perda que marcaria para sempre a sua vida, a publicitária Cristiana Guerra, resolveu transformar a sua dor em prosa, e assim, começava a ser escrito o WWW.parafrancisco.com, endereço eletrônico de bastante repercussão nas mídias sociais.

Sua autora já era conhecida por protagonizar um outro blog que tinha como idéia principal mostrar diariamente como ela se vestia para trabalhar. Na ocasião, grávida de sete meses, Cristiana perdeu o seu conjugue, Guilherme, pai do Francisco que estava pra nascer. A partir dali, junto com o bebê, nascia um blog que se tornou tão acessado, que transcendeu a mídia eletrônica e passou para a mídia impressa.

Escrito em forma de diário e com pretensões de explicar para Francisco quem tinha sido o seu pai, nele, Cristina pretendia descrever-se também, como ela mesma diz: "só por garantia, de quem teve a vida marcada por perdas". Orfã de pai e mãe, a autora encontrou no blog uma forma de amenizar, e até mesmo compartilhar a sua dor. Como mostra a postagem datada de segunda-feira, 20 de agosto de 2007:

Bíblia.

Escrevo aqui pra não deixar fugirem as palavras que me vêem nesse turbilhão - e que você ainda não tem idade pra entender. Quando você crescer, Francisco, além da matéria da escola, dos clássicos e dos jornais, você ainda vai ter essa pilha aqui pra botar em dia. Perdoa a Mamãe, filho. Perdoa.

Um dos principais motivos dessa mudança de postura entre a transição dos diários íntimos para diários "éxtimos", segundo Sibilía, é o crescente desejo de ser visto. O desejo também de construir-se como um eu visível, um personagem que os outros podem ver, e a partir dessa percepção, confirmar a existência de quem está se exibindo.

Para a autora, essa mudança está ocorrendo agora, pois há uma reformulação na construção do eu que fala e que se exhibe sem pausa, justamente porque sente a necessidade de mostrar-se para alguém. Cristiana é alguém com nítida necessidade de ser vista e ser lida, não à toa alimenta três blogs que falam apenas e tão somente sobre si mesma.

Na postagem abaixo, datada de sábado, 12 de julho de 2008, podemos constatar essa necessidade de ser lida não apenas por Francisco, para quem ela confirma ter criado o blog, mas para que outras pessoas também saibam que ela é e o que pensa a respeito de certas convenções:

Declaração de bens.

Não quero o vestido preto da viúva. Nunca o quis. Vesti, sim, um preto longo e bonito, tomara-que-caía, para irmos, nós dois, dar adeus a seu pai. E cantei foi [um samba](#) na hora da despedida. Sei que ele ficaria orgulhoso por isso – nossos pactos não se desfizeram com sua ida. Tive medo, sim, que me vestissem o preto. A burca. A não-existência em nome do que passou. Talvez eu seja vista assim, ainda de preto, por quem me lê e apenas me lê. Você não. Você me sabe. O que vê de mim é a mãe, nascendo tão criança quanto você. Aprendo a andar, a falar, balbucio escolhas. Cresço de novo, descobrindo sobre mim o que assisto em você. Brincando, retomo caminhos e tento descobrir quem sou. Ou me faço de novo. O passado é um lugar bonito para visitar de vez em quando. Não para morar. O tempo tem sua mágica. Não se vive uma vida de ontens.

Além de expor a sua vida em textos que angariaram milhares de fãs, Cristiana expõe detalhes que fizeram parte do cotidiano do seu relacionamento com Guilherme, sejam fotos, presentes, vídeos e até e-mails que os dois trocaram, conforme postagem de quinta-feira, dia 09 de agosto de 2007:

Delicadeza.

De: quifraga

Data: 9 de janeiro de 2007 10h0min21s GMT-02:00

Para: Cristiana Guerra

Assunto: amor

ei, linda.

quero que seu dia seja como o céu, lindo, quente, promissor, anunciador de bons ventos, de luz, de paz, de calor, de suor, de muito trabalho bom, com cheiro de novidade, com novidade e quente como meu coração por você.

um beijo, G

Há uma procura incessante nessas novas práticas exibicionistas e confessionais, não a de encontrar dentro de si suas próprias verdades como era característico na escrita do diário íntimo tradicional, e sim a procura pela visibilidade. Uma via de acesso para ter destaque na sociedade atual.

Filho.

Tenho repetido mais vezes a palavra "filho" e ela soa como música para meus ouvidos. Parece haver nela um encantamento, como se, por sua dose de amor, tivesse o poder de acalmar, curar, fazer dormir. Ainda é difícil acreditar que sou mãe. E o faço com o sorriso fácil, embutido mesmo na mais cansativa das tarefas. Confesso que nos últimos anos cheguei a pensar que não era para mim. E ao mesmo tempo em que parece um sonho, não consigo mais me lembrar de quem eu era antes de você chegar. Mesmo nos momentos de nervosismo, mesmo nas horas em que tudo o que sei é que não sei de nada: ser sua mãe é o que faço com mais gosto na vida. Faço sem pensar: porque faço, porque sou. Faz tão pouco tempo, mas é como se eu sempre tivesse sido.

Dois anos após a sua tragédia pessoal, Cristiana já não lamentava tanto a sua perda e já havia encontrado novo fôlego de vida, o que culminou em textos mais leves e com menos espaço para lamentações. Esse fato causou estranheza em alguns de seus leitores que se manifestaram através de comentários no blog, relatando a sua mudança. O fato não mudou a forma delicada como Cristiana escreve nem o seu desejo de escrever como forma de cura, e a fez dar satisfações da sua mudança.

Sobre o que somos e o que parecemos ser.

Um anônimo comentou no post anterior:

Cris, acho que você mudou muito. Te acompanho desde o começo do blog. Me desculpa ser tão franca, mas acho q você ficou muito metida depois que ficou tão conhecida. Parece que você quer só aparecer e nem posta mais no Para Francisco, e quando posta, as mensagens nem nos comovem tanto quanto antes.

Acho importante responder aqui:

Anônima,

Obrigada por sua tentativa de franqueza, mas acho que você teria sido de fato franca se assinasse o

seu comentário. Ainda assim, também francamente, convido você a algumas reflexões.

Você tem razão, eu mudei muito. Ainda bem. Imagine se eu tivesse ficado presa na perda de dois anos atrás.

Diante de uma dor que eu pensei que fosse me consumir por anos a fio, tentei encontrar caminhos. Meus blogs foram alguns deles. Nasceram naturalmente e foram muito importantes para que eu elaborasse o meu luto e pudesse seguir em frente.

O texto encaixa-se no modelo que este artigo se propôs a observar: a linha tênue que separa o espaço público e privado. E essa frequente confissão da autora, como sugere Foucault,

é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado, é também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é constada pelos obstáculos e as resistências que teve que suprimir para poder manifestar-se (FOUCAULT, 1999, p.12)

A disseminação dessas práticas discursivas que compõem o universo dos blogueiros nos meios de comunicação, passa a fazer parte do imaginário das pessoas, tecendo valores, crenças, desejos e ideias, o que propicia o surgimento dessas celebridades instantâneas, tão comuns na internet. Para Sibília, o que se procura, nessas novas práticas “exibicionistas” e “confessionais” não é mergulhar no mais obscuro de si mesmo para ter acesso às próprias verdades, como acontecia na escrita do diário íntimo tradicional ou no relato vital da psicanálise, por exemplo. Agora se persegue a visibilidade e, em certo sentido, também a celebridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É nítido que o conceito de intimidade tem mudado com o decorrer do tempo. Em um outro contexto, que compreendia o período que abrangeu todo o século XIX e a primeira metade do século XX, a privacidade era algo a ser resguardado da intromissão alheia. Hoje o que vemos é uma corrente contrária a esse fenômeno.

Atualmente, a intimidade tem se transformado em algo como um cenário, no qual somos predispostos a encenar o espetáculo de nós mesmos, a vitrine da nossa personalidade. É a visibilidade do show do eu. E essa transformação ocorre porque

se esse espetáculo mantiver os moldes usados anteriormente, quando a privacidade era algo a ser resguardada, ninguém poderia vê-lo, e estava fadado ao ostracismo. Esse é o motivo pelo qual é tão latente essa necessidade de expor aquilo que deveria estar protegido do público, porque mudaram os modos de construção do eu, e os alicerces em cima dos quais se impõe esse edifício.

É um novo modo de vida, que tem adquirido hegemonia no início deste século XXI: só se é aquilo que se vê. Por isso, é tão importante encontrar no outro a resposta aos nossos estímulos, mais que isso, é importante encontrar afirmação e confirmação no olhar do outro. É imprescindível que cada indivíduo seja capaz de produzir e vender um personagem que possa ser comprado pelo outro. Essas são práticas que denotam a configuração de novos tipos de subjetividades, formas contemporâneas de se auto-construir, cada vez mais distantes do “homem moderno” que se destacou no século XIX.

Agora somos entidades direcionadas para o olhar dos outros. E esse não é um fenômeno decorrente apenas na Internet, mas também nas mais diversas práticas atuais, onde é latente o desejo de que o outro nos enxergue e nos observe para que possamos existir.

Referências bibliográficas:

SCHITTINE, Denise. Blog: **Comunicação e escrita íntima na Internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BORGES, André. Blog: **Uma ferramenta para o jornalismo**. In: FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOMESU, F. C. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet**. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.